Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: 02

Data: 25/02/76 Pg.:

Indios atacam e matam três operários na Transamazônica

Do Correspondente e das Sucursais

Três trabalhadores da CPRM, Companhia de Produção de Recursos Minerais, foram mortos na semana passada durante um ataque indígena a um grupo que abria uma picada a 15 quilometros de um acampamento da empresa, instalado às margens de rodovia Transamazonica, no trecho entre os municipios de Altamira e Itaiatuba, no Pará. A noticia foi divulgada ontem pela Delegacia Regional da Funai ,em Belém, por meio de nota oficial distribuida à imprensa.

A primeira informação era de que foram atacados quatro operarios. Um deles conseguiu chegar a Altamira, contando que conseguira escapar juntamente com um companheiro, que não resistiu a pediu que fosse abandonado antes de chegar ao acampamento. Mais tarde, uma equipe da Funai enviada ao local do ataque encontrou dois corpos flechados. O terceiro ficou desaparecido durante toda a semana e, ontem, foi encontrado pela mesma equipe. A exemplo dos outros dois, havia sido morto a flechadas.

Embora a Funai ainda não tenha identificado o grupo indigena responsavel pelo ataque, as primeiras informações indicam que o massacre teria sido praticado pelos indios araras, ainda arredios. Em Salvador, onde participa da 10.o Reunião Brasileira de Antropologia, o presidente da Funai, general Ismarth de Araujo Oliveira, referiu-se também aos assurinis como provaveis autores do ataque. Ele considerou "lamentavel" a morte dos três trabalhadores, mas ressaltou que o ataque dos indios "possivelmente foi uma represalia a alguma coisa que sofreram. Quem sabe não foram escorraçados de suas terras? Nesse caso, eles agiram nada mais nada menos que em defesa da terra".

Os três trabalhadores da CPRM mortos pelos indios — identificados como José Ubiracy de Araujo do Egito, José Ribamar Pereira e Benedito Pereira da Silva — trabalhavam no "Projeto Sulfetos" de pesquisa mineral e faziam juntamente com o companheiro que se salvou, trabalho de trincheiras no local do ataque, segundo informação do escritorio da empresa, em Brasilia.

Ao tomar conhecimento do fato, o ministro Shigeaki Ueki, das Minas e Energia — órgão ao qual a empresa é vinculada — afirmou que "a morte desses rapazes é uma grande perda para o país, pois estes eram valiosos no esforço que desempenhavam para a descoberta de novas riquezas minerais para a nação". Em seguida, o ministro procurou se informar sobre o atendimento às famílias dos mortos, procurando garantir a assistência de que necessitem.

O massacre na Transamazônica surpreendeu os técnicos da Funai, pois desde o início da construção da estrada, em 1970, não foi registrada qualquer ataque de índios, com exceção de uma unica invasão de parakanans ao acampamento de uma empreiteira responsavel pela abertura da estrada, para roubar utensílios. Na região entre Itaiatuba e Altamira, onde ocorreu o ataque, existem poucos grupos arredios. Além dos araras, há indicios da presença de um grupo juruna isolado na área, sendo remota a possibilidade de que o pequeno grupo dos assurinis — cerca de 40 elementos — possa ter feito o ataque, uma vez que sua reserva está localizada muito longe do local.

Os araras também são pouco mais de 70 elementos, praticamente desconhecidos. Até hoje não aceitaram qualquer contato com os brancos, embora a Funai tenha enviado à área varias expedições de atração. Desde que se verificaram as primeiras incursões às suas terras, contudo, eles abandonaram sua aldeia e rumaram para as proximidades do rio Iriri, retornando vez por outro ao local de origem

Segundo o sertanista Afonso Alves, que já manteve contato com esse grupo, os araras recusaram-se a responder as perguntas que os índios intérpretes da expedição lhes fizeram, embora não tenham rejeitado os presentes oferecidos. Mas nada deixaram em troca, o que dificultou a aproximação Um detalhe revelado pelo sertanista é que os araras habitavam casas de palha forradas de casca de jatobá, que representa uma fortificação, o que pode significar que, no passado, o grupo estabeleceu contatos inadequados com castanheiros e aliciadores de mão-de-obra, e por isso receia a presença de brancos